



O Grito dos Excluídos é uma manifestação histórica do movimento popular organizada desde 1994 a partir de experiências de base de movimentos populares, pastorais sociais, sindicatos e movimentos rurais. Durante sua história, o Grito sempre contou com uma boa participação de grupos e movimentos sociais do campo e da cidade, de diversas tendências políticas, fazendo com que as pautas sociais aparecessem mais do que o sempre presente oportunismo partidário eleitoral. Mas numa conjuntura política de cortes brutais nos direitos sociais e após o fim de 13 anos de hegemonia do projeto democrático popular do PT/PMDB, pôde-se ver um Grito novamente tomado pelas pautas partidárias e eleitorais. Em sua vigésima segunda edição o Grito dos Excluídos trazia o tema: “Vida em primeiro lugar, esse sistema é insuportável: exclui, degrada,

mata”. Mas como bons vanguardistas, parte dos setores ligados ao ex-governismo (PT, PCdoB, CUT e afins) trataram de buscar hegemonizar o ato com a consigna “Fora Temer”, ignorando a pauta dos movimentos populares. Sem contar a presença oportunista de candidatos(as) às eleições municipais, que quase nunca são vistos em atos como este. Ou melhor, futuros(as) gestores do “rolo compressor” dos de baixo, de pobres, do povo negro, favelados, indígenas, sem-terras, camponesas, estudantes e quilombolas e demais setores populares e da classe trabalhadora. Durante a manifestação era visível dois blocos bem definidos, um ex-governista, hegemonizado principalmente por CUT, CTB, candidatos eleitorais, setores minoritários do PT e PCdoB, além de pequenos grupos em torno principalmente da bandeira do “Fora Temer”; e um

UM GRITO DOS EXCLUÍDOS COM OS VELHOS CONVIDADOS DO BANQUETE

bloco independente, composto por movimentos populares autônomos, estudantes secundaristas, organizações revolucionárias que não participam das eleições, estudantes de escolas ocupadas, *black blocs* e organizações anarquistas, que se reuniram principalmente contra o corte de direitos e a contra a farsa eleitoral. O bloco independente, mesmo provocado por fascistas, estigmatizado como “porras-loucas” pela esquerda comportada e cercado pela polícia, teve a ousadia e a coragem de sair às ruas e disputá-las com o ex-governismo e as legendas partidárias que visavam as eleições. Lamentavelmente, durante a manifestação, o bloco dos ex-governistas repetiu diversas vezes a atitude vergonhosa de segurar o ato para deixar o bloco independente isolado à frente e assim não se “misturar”. Tal prática formou um vazio no meio do ato, o que também facilita a repressão da polícia. Atitude covarde que já era prevista e foi colocada publicamente pela deputada Ângela Albino (PCdoB), afirmando que era preciso “separar os vândalos e baderneiros dos jovens e das famílias” nas manifestações¹. É o medo da rebeldia dos setores autônomos, que não aceitam as pautas impostas de cima pra baixo e não tem referencial político

na CUT, UNE, PCdoB, PT e demais setores pelegos da esquerda. É o medo de serem vinculados aos “baderneiros” e colocar seus objetivos eleitorais em risco nestas eleições de 2016 e nas de 2018. Além disso, tal prática reforça o discurso da direita de que a repressão da polícia é motivada pela luta e mobilização popular. Pelo contrário, o estado reprime porque sabe que não pode atender as demandas populares e precisa criar as condições políticas para aplicar os planos do capital e as medidas contra os direitos sociais. A política do ex-governismo no Grito, nos protestos e ocupações que estouram pelo país é bem clara, preparar um novo acordão com a burguesia para as eleições de 2018, seja com Lula ou outro candidato. Não buscam mobilizar o povo, mas sim usar os movimentos populares e as pessoas que estão aderindo aos protestos para seus fins eleitorais. Do alto de seu vanguardismo, desconfiam do povo e não acreditam na capacidade de resistência popular. Para derrotarmos o golpe nos direitos e derrotar o ajuste fiscal (já operados pelo PT e agora pelo PMDB) precisamos superar as práticas viciadas do go-

(continua na página seguinte)

Nesta Edição

OITICICA E A ORGANIZAÇÃO
DOS ANARQUISTAS ... pág 2

VIDA LONGA AO CENTRO DE CULTURA SOCIAL
DO RIO DE JANEIRO ... pág 3

BAR RESTAURANTE LIXO DA HISTÓRIA
RECEBE CLIENTE VIP ... pág 4

“A revolução nunca se fará pelo voto, porque o voto mantém
o regime do capital e ilude os trabalhadores.”

José Oiticica

(continuação da página anterior)

vernismo e do reformismo eleitoreiro. Construir uma nova política passa por superar o petismo pela esquerda e pela base. As excluídas e excluídos não podem ficar reféns do petismo ou das agendas eleitorais. É importante colocar que diversos atos populares na cidade foram reprimidos pela PM sob ordem do PMDB, aliado histórico do PT e do Pcdob no Rio. Sem falar nas manifestações contra a Copa do Mundo, duramente reprimidas pela Força Nacional, criada e operada pelo governo PT. E agora a ameaça da nefasta Lei Antiterror, aprovada por Dilma em seu governo. Os setores autônomos e da esquerda revolucionária, que não apostam nas eleições e defendem os direitos sociais, não podem cair no “purismo” e deixar de estarem presentes nas ruas porque os ex-reformistas estão lá disputando os atos, isso é deixar as ruas e as lutas nas mãos dos pelegos e traidores. É preciso unidade contra os ataques aos direitos, a reforma fiscal que faz o povo pagar a conta dos ricos, com pautas construídas pelas bases dos movimentos populares e que dialoguem com a classe trabalhadora. A luta pelos direitos sociais passa pela construção de uma frente de excluídos, com mulheres, LGBTTs, moradores da periferia, faveladas(os), negras(os), estudantes, indígenas, sem-terras, camponeses, povos das florestas e a classe trabalhadora em geral. Não é possível querer vencer os poderosos e transformar a sociedade ocupando os postos e cargos do estado, que existe apenas para garantir a propriedade privada, defender os interesses do capital, manter e reproduzir a opressão e a exploração contra o povo!

Ir às ruas contra o golpe nos direitos!

Contra a farsa eleitoral!

Só a luta popular decide!

Nota: 1. Ver: <https://www.facebook.com/angelaalbinosc/videos/1798750570369951>

OITICICA E A ORGANIZAÇÃO DOS ANARQUISTAS

Os fragmentos abaixo são de autoria de José Rodrigues Leite e Oiticica, nascido em Oliveira/MG em 22 de julho de 1882 e falecido no Rio de Janeiro em 30 de junho de 1957. José Oiticica militou intensamente nas fileiras anarquistas de 1911 até sua morte. Seus textos foram compilados a mão no final dos anos 1990 dos originais do jornal carioca *A Pátria*, no acervo da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. A publicação destes, na *Secção Trabalhista* deste periódico, dirigida pelo também anarquista José Marques da Costa, se deu entre 19 de junho e 5 de julho de 1923 em cinco pequenos artigos denominados “Meu Diário”. Este importante material já havia sido publicado por Felipe Corrêa em fevereiro de 2009¹ e, segundo o próprio, buscava “tornar públicas as críticas e proposições de Oiticica em relação a diversos temas ainda muito atuais: organização anarquista, organização do movimento popular, compromisso militante, minoria ativa, separação dos níveis político e social, individualismo, unidade de ação, autonomia, ação direta, entre outros”. Vemos nesses fragmentos do “Meu Diário” um Oiticica malatestiano, ferrenho e, por que não dizer, impaciente defensor do “organizacionismo” anarquista que, ainda segundo Felipe Corrêa, poderíamos considerar como uma posição “embrionária” do especificismo que hoje defendemos. As críticas e proposições de Oiticica, mais de nove décadas depois, ainda são de uma atualidade impressionante e constituem uma grande contribuição para o anarquismo brasileiro. **Viva Oiticica!**

“Somos dispersivos, não temos nenhum método, nada fazemos nem podemos fazer por desunião de vastas e sucessivas incoerências práticas. Vivemos num deixa andar incrível, por incompreensão das coisas e, pesa-nos dizer, por fanatismo. Ainda aqui, os bolchevistas nos arguem com razão. Exemplo: um camarada de São Paulo incrimina Edgard Leuenroth por haver constituído com outros camaradas um grupo fechado, isto é, selecionado com programa de ação, compromissos assumidos e exclusão forçada dos que não cumprirem o acordo feito. O acusador afirma ser tal agrupamento antianarquista! Essa é admirável! Admirável também a atitude de alguns anarquistas que se arremetam contra a violência no combate à burguesia!”

“Anarquia é o regime do acordo livre. Eu tenho o direito de combinar com os outros o que bem nos parecer, desde que nossa combinação não lese a terceiro. Logo, se combino com outros um grupo fechado, com programa, compromisso, punições e o mais que queiramos, ninguém tem nada com isso.”

“Demais, os anarquistas confundem lamentavelmente descentralismo da organização anárquica com centralização de forças anárquicas na luta contra a burguesia fortemente centralizada.”

“Como dar unidade e união às federações? Como conseguir um corpo de militantes verdadeiramente de vanguarda, a prova de fogo e bons guias? Exemplo dessa falta encontramos-la nós aqui. O segundo Congresso Operário² proclamou o federalismo, mas não soubemos efetivar as federações anárquicas fora dos sindicatos.”

“Tudo isso porque somos fanáticos das “autonomias”, isto é, “não-compromisso”. Da “licença individual”, coisa antianárquica acima de tudo, como demonstrou Malatesta e como acentuou o Congresso de Bolonha³. Com tais ideias vamos cair no anarquismo individualista, a pior espécie de quietismo e dispersionismo existente.”

“Duas medidas são urgentemente necessárias para intensificar a ação anárquica: seleção dos militantes e concentração de forças. Só isso nos dará unidade de ação.”

“Somos combatentes de uma grande guerra. Todos os combatentes, se “entendem” mutuamente para combater, assumem “compromissos”, sem os quais não pode haver unidade de ação. Quem se “entende” com outros já não é senhor da sua vontade integralmente, prendeu-a por alguns fios ao acordo firmado. Se desfaz os fios, rompe o acordo, se “desentende, desiste do combate comum”, foge à luta, se furta aos companheiros.”

“Logo o indivíduo “autônomo” é impossível num “grupo” de combate. Se ele firma um acordo com outros grupos, ele alienou de si, em benefício da comunhão, uma parcela de sua vontade. Se ele tem algum motivo de desacordo, cumpre-lhe expor esse motivo à comunidade e promover a revisão do acordo. Romper o acordo por sua livre e espontânea vontade é uma traição bem caracterizada.”

“Falar também das federações com grupos inteiramente autônomos é absurdo. Federar-se é comprometer-se a um “pacto” escrito ou não, submeter-se voluntariamente a uma vontade coletiva, a princípios pré-assentados, discutidos e aceitos. Portanto, os grupos federados são “autônomos dentro do acordo”, segundo a fórmula de Malatesta.”

“Assim, quando no grupo o indivíduo quebra o acordo, ele por si mesmo se “desliga” moralmente e pode (melhor, “deve”) ser excluído intransigentemente do grupo. Do mesmo modo, se o grupo quebra o acordo, se desliga da federação e como tal pode e deve ser declarado dissolvido ou estranho

à federação. Exemplo: um grupo que vai votar ou “apoia” uma candidatura. É o único meio de cortar as “águas turvas” e solidificar a “frente” anárquica.”

“Penso que devemos separar inteiramente a organização do sindicato da organização dos anarquistas. A organização destes visa, naturalmente, orientar a classe trabalhadora por meio do sindicato, instrumento de ação direta nas reivindicações, mas a arregimentação dos militantes para a propaganda nos sindicatos e fora dele é coisa a parte, requer métodos, processos diferentes.”

“Por isso querer os “grupos fechados”, só de militantes, com ingresso por seleção e compromissos rigorosos; as “secções operárias anárquicas”, isto é, centros operários fundados pelos “grupos” para propaganda fora dos sindicatos.”

“Não basta, pois, ter vontade de ser anarquista e propagandista. Importa estudar muito, enfronhar-se na teoria, embeber-se no ideal. Se esse tirocínio é insubstituível para alcançar a “teoria”, muito mais reclama a luta real. É indispensável experiência longa, estudo dos sindicatos, contato constante com o trabalhador, conhecimento dos truques políticos e policiais, toda uma ciência prática difícil.”

“Assim reputo evidente a necessidade de levar em conta, na organização, a distinção entre agrupamento de militantes e formação de anarquistas fora dos agrupamentos. (...) Demais, no sindicato não podemos dar uma feição exclusivamente anárquica à ação operária.”

“Desde que o anarquismo é anarquismo, não tem pregado outra coisa senão a ação direta das massas contra os burgueses, pela associação, pela colaboração dos sindicatos, pelas greves, pela sabotagem, por todos os processos imagináveis. Espero que os bolchevistas não nos virão negar isso e considerar a ação direta invenção bolchevista, ou ideia do “mestre” Marx ou do “mestre” Engels.”⁴

“Na organização dos grupos anárquicos, (...) toda liberdade evidentemente se mantém para os não conformados com o agrupamento. Vários camaradas, com efeito, repelem o agrupamento selecionado e limitado. Alguns têm mesmo tais agrupamentos por anti-anárquicos, não sei por que. Esses poderão agrupar-se pelo processo que melhor lhes souber e outros ainda ficarão dispersos, à vontade.”

“Aqueles, entretanto, que aceitarem a ideia dos grupos selecionados, à maneira exposta, não devem perder tempo. Cada agrupamento, para ser mais eficaz, deve ser muito reduzido em número, de doze companheiros no máximo. É melhor formar muitos grupos pequenos federados numa localidade, com princípios por todos assentados e observados, mas livres na execução das medidas tomadas, que num só grupo numeroso com assembleias infundáveis, discussões ociosas e as respectivas comissões nomeadas.”

Notas:

1. Corrêa, F. 2009. *Críticas e Proposições Organizacionistas* (<http://www.anarkismo.net/article/12141>).

2. 2º Congresso Operário Brasileiro, organizado pela *Confederação Operária Brasileira* (COB) na sede da *União dos Operários em Fábricas de Tecidos*, Rio de Janeiro, em setembro de 1913.

3. Congresso dos sindicalistas revolucionário ocorrido em Bolonha, Itália, em julho de 1909.

4. Entre 6 de outubro e 24 de novembro de 1923, Oiticica escreveu na mesma *Secção Trabalhista* do jornal *A Pátria*, oito artigos denominados “Resposta Necessária”, em que atacava de forma contundente o bolchevismo.

VIDA LONGA AO CENTRO DE CULTURA SOCIAL, CCS-RJ! VIVA A CULTURA E A EDUCAÇÃO POPULAR!

Em 1966, durante as fortes chuvas que castigaram o Rio de Janeiro, a casa da Rua Torres Homem, 790, conhecida na época como Associação Baiana, abrigou dezenas de desabrigados do Morro dos Macacos que perderam suas casas e pertences. Nesse meio século, o espaço se tornou uma referência comunitária para a vizinhança e moradores/es do bairro, chamado por muitas pessoas de “casa dos baianos”, onde aconteciam também bailes comunitários e partidas de futebol em sua quadra.

No final de 2001, foi fundada a Biblioteca Social Fábio Luz em uma das salas da casa. Em 2003, o local foi ocupado por um grupo de pessoas com novas propostas, e passou a se chamar Centro de Cultura Social (CCS-RJ). Ao longo desses 13 anos vem abrigando diversos trabalhos, como uma oficina de panificação de bolinhos com jovens do Morro dos Macacos; a oficina de educação ambiental e reutilização de materiais para o “Boas Ideias Magníficos Ideais”, de Maurílio Birimbau; o grupo Luz do Sol, com atividades voltadas para jovens e crianças; um letramento escolar; um cineclubes com debates entre jovens; uma cooperativa de fraldas; o pré-vestibular comunitário Solidariedade e o trabalho de educação popular infantil Germinar, ambos organizados pelo Movimento de Organização de Base (MOB); aulas de Kung Fu; o Grupo de Capoeira Angola Mocambo de Aruanda; um dos núcleos do grupo de consumo coletivo Rede Ecológica; o Bazar do Bom; oficinas de serigrafia; atividades de muralismo na fachada do CCS; a cooperativa de venda de livros Jataí e a Biblioteca Social Fábio Luz, utilizada por muitos pesquisadores e estudantes.

Além desses trabalhos, o espaço do CCS-RJ é conhecido por suas inúmeras atividades comunitárias e de confraternização. Realizamos eventos como festas julinas, almoços, feijoadas de solidariedade, atividades culturais, encontros de pré-vestibulares comunitários, oficinas sobre os direitos trabalhistas, o evento de Rap Linha Cultural e outras festividades, mobilizando e animando tanto a comunidade quanto nossos voluntários. O espaço também é cedido aos moradores do bairro para suas festas familiares, a preços acessíveis. Assim, o CCS-RJ busca ser uma referência para a comunidade e a vizinhança, abrigando e apoiando iniciativas de geração de renda, bem como atividades culturais e de educação popular, dialogando e apoiando os movimentos sociais, os espaços comunitários locais e de outros bairros.

Mas todo esse esforço de décadas está ameaçado. Apesar das diversas atividades sociais e culturais que sempre foram realizadas no local, a entidade gestora anterior nunca pleiteou a isenção dos valores absurdos do IPTU cobrados pela Prefeitura. O resultado foi que nunca conseguiram pagar o IPTU do imóvel e, quando a atual gestão assumiu o espaço, a dívida já era enorme e impagável.

É importante dizer que todo trabalho realizado no CCS-RJ não recebe nenhum tipo de financiamento público ou privado. Cada atividade é autossustentada com seus próprios recursos gerados a partir de contribuições de seus participantes e outras formas de geração de renda como venda de materiais, camisas ou doações. Para existir o CCS-RJ conta com muito esforço, solidariedade e trabalho voluntário. Para nós, um espaço com função social para a comunidade, como o CCS-RJ, não pode pagar valores altíssimos de IPTU, por isso nos negamos a pagar esta enorme e injusta dívida.

(continua na página seguinte)

(continuação da página anterior)

Devido à dívida que se acumulou, o espaço poderá ser leiloado e o CCS-RJ despejado pela Prefeitura em um futuro muito próximo. Precisamos, portanto, nos organizar para evitar que esse histórico espaço comunitário de Vila Isabel seja fechado e entregue à especulação imobiliária. Vamos reunir a nossa comunidade no esforço de preservar o CCS-RJ e todos os seus trabalhos sociais e sonhos. Lutemos pela garantia de continuidade de funcionamento desse importante espaço comunitário.

O CCS-RJ encontra-se desde julho em assembleia permanente de resistência, fazendo atividades de mobilização junto com as pessoas que querem ver esta casa viva e popular por muitos e muitos anos. Venham nos visitar, as portas estão abertas para todas e todos que queiram chegar junto e apoiar.

Estamos também lançando uma campanha! Demonstre seu apoio ao CCS colocando a hashtag #euapoioccs! Vamos pressionar nas ruas e nas redes, a manutenção desse espaço popular! **CCS Resiste! | #euapoioccs**

Bar-restaurante Lixo da História recebe cliente VIP

No dia 16 de agosto passado, adentrou elegantemente no Bar-restaurante *Lixo da História*, o mal afamado estabelecimento localizado nas entranhas abissais da Terra, o ex-presidente da FIFA, João Havelange, aos 100 anos. Após dirigir a antiga CBD (*Confederação Brasileira de Desportos*) por muitos anos, onde cursou graduação e especialização em picaretagem, foi presidente da FIFA entre 1974 e 1998, tornando-a um grande balcão de negócios e falcatruas de todo tipo, onde centenas de milhões de dólares de gorjetas das empresas que tinham negócios com a entidade foram canalizados para as contas bancárias do líder máximo e da quadrilha que o cercava. Havelange por baixo de sua fleugma de aristocrata era viciado em propinas e acumulou por décadas em contas secretas e paraísos fiscais uma fortuna incalculável. Em 2012, a Justiça suíça provou que o manda-chuva do futebol havia recebido, junto com seu genro Ricardo Teixeira, 45 milhões de dólares da ISL, para que esta empresa tivesse um contrato exclusivo com a FIFA. Renunciou à presidência de honra da entidade e se livrou de uma investigação. Havelange foi o articulador do maldito “futebol moderno”, que nos últimos 40 anos transformou-o em um esporte milionário, corrupto, elitista e cada vez mais distante do povo. Desencarnou esquecido do mundo do futebol, mas rico e impune. Sentado à mesa do estabelecimento cercado de ditadores e corruptos com quem sempre conviveu, Havelange passará a eternidade organizando os torneios de pelada no *Lixo da História*, obviamente cobrando propina da Rede Globo para o televisionamento exclusivo para o Inferno.



Organizações integrantes da CAB: Organização Resistência Libertária (CE); Federação Anarquista dos Palmares (AL); Federação Anarquista do Rio de Janeiro (RJ); Organização Anarquista Socialismo Libertário (SP); Rusga Libertária (MT); Coletivo Anarquista Luta de Classes (PR); Coletivo Anarquista Bandeira Negra (SC); Federação Anarquista Gaúcha (RS); Federação Anarquista Cabana (PA), Coletivo Mineiro Popular Anarquista (MG), Fórum Anarquista Especificista (BA), Organização Anarquista Zabelê (PI).
www.vermelhoenegro.net | cab.br@riseup.net



José Oiticica

SITES - BRASIL: CAB: www.vermelhoenegro.net | CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE www.resistencialibertaria.org | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS www.federacaoanarquistagaucha.org | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.noblogs.org> | FARPA/AL <https://farpaal.wordpress.com> | CALC/PR <http://anarquismopr.org.wordpress.com> | OAZ/PI <https://oazblog.wordpress.com> | FACA/PA <http://resistenciocabana.noblogs.org> | FAE/BA <https://faebahia.wordpress.com> | COMPA/MG www.coletivocompa.org | **ÁFRICA DO SUL:** ZACF www.zabalaza.net | **ARGENTINA:** FAR: <http://federacionanarquistaderosario.blogspot.com.br> | **COLÔMBIA:** Grupo Libertario Via Libre: <http://grupolibertariovia libre.blogspot.com.br> | **BOLÍVIA:** OARS www.oars.tk | **COSTA RICA:** Pró-FAC (Círculo de Estudios La Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> | **FRANÇA:** Alternative Libertaire <http://www.alternativelibertaire.org> | CNT Vignoles www.cnt-f.org | **MÉXICO:** AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | **PERU:** USL www.uslperu.blogspot.com | **URUGUAI:** FAU <http://federacionanarquistauruguay.com.uy> | **EUA/CANADÁ:** Black Rose/Rosa Negra: <http://www.blackrosefed.org> | NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | **ITÁLIA:** FdCA-Alternativa Libertária www.fdca.it | **IRLANDA:** WSM www.wsm.ie | **ESPAÑA:** CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | EMBAT (Catalunha) <http://embat.info/> | Anarkismo.net: www.anarkismo.net

Era uma vez um dito popular

Meu bisavô

Me contô

Que um dia ele acreditô e votô

Em presidente, deputado, senadô, governadô,
prefeito e vereadô

E nada

Ou quase nada mudô

Até meu pai

Um cara legal

Me contô

Que um dia ele acreditô e votô

Em presidente, deputado, senadô, governadô,
prefeito e vereadô

E nada

Ou quase nada mudô

Eu

Não

Acredito mais

E você?

Julinho Terra

BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001
Entre em contato e faça uma visita: <http://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com>

Libera, 2.000 exemplares. Agradecemos a todas/os que fazem esta publicação ser possível, até as/os mais anônimos colaboradoras/es.

Se tem interesse de distribuir ou contribuir com o Libera entre em contato: farj@riseup.net